

Jornalismo Literário e Mulheres Jornalistas: Elementos Marcantes¹

Scheyla Joanne HORST²

Marcio FERNANDES³

Universidade Estadual do Centro-Oeste, Guarapuava, PR

RESUMO

Partimos da ideia de que existe um modelo diferenciado de empregar a linguagem, reconhecido por nós como Jornalismo Literário (JL) com base em autores como Norman Sims, Edvaldo Pereira Lima e Felipe Pena. Ao lançarmos um olhar aos ícones da escrita de não-ficção mundial, entretanto, constatamos que os jornalistas homens se destacam tanto na mídia quanto em pesquisas acadêmicas. Como um exercício de olhar e reflexão, apresentamos neste texto os elementos apontados como preponderantes do JL por meio de exemplos escritos por jornalistas mulheres. A ideia é lançar luz a alguns trabalhos primorosos que unem apuração e elegância; humanização e aprofundamento; imersão e descrição perspicaz. Como provocação, convidamos que os docentes incluam tais obras em seus planos de aula.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo literário; não-ficção; mulheres.

Quando um estudante de comunicação pensa nos nomes marcantes da escrita de não-ficção que elevou o jornalismo a um status de arte, com boom de acontecimentos na década de 1960, por conta do Novo Jornalismo, é bem possível que citará nomes destacados como Truman Capote, Tom Wolfe, Gay Talese... Ou ainda, no Brasil da atualidade, Fernando Morais, Caco Barcelos, Joel Silveira... Acreditamos que muito desse apagamento das mulheres vem da falta de indicação de leituras por parte dos professores durante a graduação. Sendo assim, este texto proposto ao Intercom Sul 2016 partiu da tentativa de ir contra a corrente no momento de escrever um capítulo para dissertação que rememorasse o movimento dos EUA e apresentasse as características marcantes dos textos reconhecidos por nós como Jornalismo Literário. Buscamos produções de mulheres jornalistas que conseguem transmitir os elementos textuais que consideramos preponderantes em textos que unem apuração e elegância; humanização e aprofundamento; imersão e descrição perspicaz.

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul realizado de 26 a 28 de maio de 2016.

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da Unicentro, email: scheylahorst@hotmail.com

³ Professor Orientador do trabalho, email: marciorf@globocom.com

A opção pelas jornalistas literárias nesta parte da investigação se dá por dois motivos principais: primeiro, porque elas ainda não são tão valorizadas e aparecem pouco em pesquisas acadêmicas, razão pela qual nos sentimos no papel de revelar as riquezas que tenho encontrado com as leituras. Segundo, pela qualidade e sensibilidade das escritas e pela identificação que tenho com tais textos, visto que também sou mulher e jornalista com anseios literários.

Vale destacar que Eliane Brum, uma caçadora de desacontecimentos⁴, como ela mesma se define, está há anos no topo da lista dos jornalistas brasileiros mais admirados e premiados. Outro motivo que ressalta a necessidade de elevar os nomes das mulheres da área é o fato da bielorrussa Svetlana Alexievich ter sido a primeira jornalista literária a receber o Prêmio Nobel de Literatura, em 2015. Dessa forma, constatamos que de uma maneira consistente e com bastante comprometimento, as mulheres ocupam espaço importante na escrita de não ficção mundial.

Como afirmei, o texto não é uma pesquisa isolada, por isso não apresenta dados. Ele integra a minha dissertação (2015-2016) que tem como foco a identificação de elementos do JL na reportagem do jornal Nicolau, um suplemento cultural que circulou no Paraná entre as décadas de 1980/90. Uma das jornalistas de destaque no periódico que analiso era mulher, Adélia Maria Lopes. Por isso, me interessei em trazer outros nomes na parte teórica da pesquisa. Sendo assim, não apresentarei resultados, mas tópicos que contemplam aspectos que são esperados em produções do jornalismo literário. Selecionei tais categorias com base nos estudos dos autores Norman Sims, Edvaldo Pereira Lima e Felipe Pena.

Jornalismo Literário

Conforme Sims, o jornalismo convencional oculta a voz do autor. Por outro lado, o jornalismo literário concede a esta voz a oportunidade de entrar na história (1995, p. 3). Mas não é apenas a linguagem que sofre interferências sob a ótica diferenciada do JL. A temática também desvirtua o comportamento padrão das empresas jornalísticas e coloca em discussão na sociedade pautas que dificilmente seriam abordadas no ritmo acelerado e rotineiro do trabalho diário. Para Sims, de uma maneira sintética e ao mesmo tempo ampla, “enquanto o jornalismo parece ocupado com celebridades, o jornalismo literário dá atenção a vidas anônimas”. Tal perspectiva não é tão simples, pois o posicionamento inverso

⁴ Para Eliane Brum, o jornalismo vive de acontecimentos, de fatos que alteram a rotina. Ela, ao contrário, crê que a matéria para o relato cotidiano é o desacontecimento. Isto é, aquilo que se repete todos os dias e faz com que as pessoas atribuam sentido aos seus dias. Dessa maneira, suas pautas tratam de assuntos que, de tão comuns, passariam desapercibidos.

também está atrelado a aspectos simbólicos e ao “óbvio”, que muitas vezes é o mais difícil de ser percebido: “Histórias sobre trabalho e família podem revelar as estruturas e as tensões da vida real. Elas dizem mais a respeito da maioria das vidas dos cidadãos do que histórias sobre desastres específicos ou celebridades peculiares (SIMS, 1995, p. 3).

O professor Edvaldo Pereira Lima, pesquisador brasileiro que se destaca na área do JL, complementa que para que um texto consiga contar histórias reais com riqueza de detalhes é fundamental o esmero do jornalista. É por isso que o profissional deve ter como aliadas ferramentas e procedimentos narrativos, tanto aqueles que são marca do jornalismo quanto aqueles que caracterizam a literatura. Sendo assim, Lima (2014) crê que o jornalismo literário é um estilo diferenciado de prática factual que une, com maestria, força comunicativa e qualidade estética. Nesse contexto, uma boa reportagem é aquela capaz de proporcionar a convivência harmônica entre a eficiência e a fluência. “A primeira cumpre a tarefa de informar e orientar com profundidade, de modo que o leitor obtenha uma compreensão ampliada da realidade. A segunda serve ao propósito de cumprir esta missão com elegância” (1998, p. 42).

De acordo com Felipe Pena, o conceito de jornalismo literário é amplo e pode ser traduzido como a expansão dos critérios estabelecidos e conhecidos, ultrapassando o tom bege das ocorrências diárias e também fugindo do vermelho-sangue das chamadas sensacionalistas. A finalidade é promover uma cobertura colorida, lançando olhares profundos à realidade e exercendo, de fato, cidadania, se afastando das regras do lead e gerando durabilidade e relevância às produções. “No dia seguinte, o texto deve servir para algo mais do que simplesmente embrulhar o peixe na feira” (PENA, 2006, p. 13). Ainda conforme Pena, é preponderante que o material não fique na superfície, pois um dos objetivos do jornalista precisa ser a permanência, tal qual ocorre com bons livros de ficção, que alcançam o poder de influenciar o imaginário coletivo e individual em distintos contextos sociais. “Para isso, é preciso fazer uma construção sistêmica do enredo, levando em conta que a realidade é multifacetada, fruto de infinitas relações, articulada em teias de complexidade e indeterminação” (PENA, 2006, p. 15).

A seguir, apresentamos os exemplos. Do Brasil, escolhemos fragmentos do trabalho de Eliane Brum e Daniela Arbex. Também recorreremos a textos de estrangeiras, como Janet Malcolm, Joan Didion, Lilian Ross e Svetlana Alexievich. Tantas outras poderiam ser citadas, e muitas permanecem desconhecidas. É nosso papel desvendá-las.

A descrição do caos por Janet Malcolm

Janet Malcolm nasceu em Praga, em 1934, e foi com a família para os Estados Unidos quando criança. Hoje em dia, é uma das mais importantes jornalistas dos EUA, atuando na *The New Yorker*. Conforme Ian Frazier, na introdução de “41 inícios falsos: ensaios sobre artistas e escritores”: “boa parte do jornalismo é uma história de ninar que se ouve sonolento pela centésima vez, mas com um artigo de Janet Malcolm nunca se sabe onde as coisas vão dar” (FRAZIER, 2016, p. 13). Na opinião dele, a jornalista-escritora consegue descrever como poucos a “bagunça e o caos” existentes em acontecimentos e em personagens que ela eterniza, principalmente, por meio de críticas e perfis.

A descrição minuciosa de ambientes e pessoas é fundamental para o jornalismo literário. No JL, diferente do jornalismo convencional, que preza pela isenção/neutralidade, não há qualquer problema em recorrer a adjetivos. Como bem falou o poeta Adam Zagajewski: “Substantivos e verbos bastam apenas a soldados e líderes de países totalitários. Pois o adjetivo é o imprescindível avalista da individualidade de pessoas e coisas”. E ele prossegue: “O adjetivo está para a língua assim como a cor para a pintura”. Como considero o jornalismo literário uma expressão artística, tal afirmação vem ao encontro da minha ideia a respeito do papel da descrição no contexto que estudo.

Ao descrever cenas, o jornalista apresenta ao leitor aquilo que viu no local onde esteve. Narra ainda o que sentiu, as suas percepções imediatas atravessadas por cores, sons e movimentos. Traça um retrato do entrevistado, contando detalhes sobre suas roupas, cabelos, expressões faciais. A descrição minuciosa tem relação com uma estratégia utilizada na literatura que é conhecida como “símbolos do status de vida”. Conforme Lima, “em vez de dizer diretamente como é o personagem, o escritor do realismo social nos coloca dentro dos ambientes dos personagens” (LIMA, 2014, p. 19). A partir da apresentação criativa do modo de viver do entrevistado, no JL, o próprio leitor capta as informações e começa a esboçar uma ideia de como seria aquela pessoa.

Malcolm realiza isso de uma maneira admirável. “O estranhamento, como eu imagino, é o que todo artista se esforça para conseguir. Toma-se o que as pessoas pensam que veem ou conhecem e faz-se com que elas o vejam ou conheçam como se fosse a primeira vez” (FRAZIER, 2016, p. 19).

O jornalismo que consegue ser arte não costuma parecer arte em sua apresentação. A aparência de uma obra de jornalismo é mais humilde, mais rotineira, mais cotidiana, de acordo com a etimologia da palavra

“jornalismo”. Essas obras não se anunciam como pertencentes a qualquer categoria de arte com maiúscula, como Escultura, Pintura, Romance ou Dança. (FRAZIER, 2016, p. 18).

A abertura do texto “A garota do Zeitgeist” é uma verdadeira aula sobre descrição minuciosa. Afinal, como ressalta Lima (2014, p. 17), a tarefa de um jornalista literário é árdua, pois sabe que precisa elaborar narrativas bem articuladas, todavia, possui consciência de que deve trabalhar com os elementos que a realidade lhe proporciona. No fragmento a seguir, não apenas conseguimos vislumbrar detalhadamente o espaço que Malcolm apresenta, mas também características da personalidade da moradora daquele ambiente, as quais são reforçadas ao fim do parágrafo:

O loft de Rosalind Krauss, na Greene Street, é um dos lugares mais bonitos para morar em Nova York. Sua beleza tem um caráter escuro, vigoroso, obstinado. Cada peça de mobiliário e cada objeto de uso ou decoração tiveram de passar por um teste severo antes de serem admitidos nessa sala desdenhosamente interessante – um longo retângulo levemente ensombrecido, com janelas altas em ambas as extremidades, uma área sachlich [prática] de cozinha branca no centro, um estúdio e uma varanda para dormir. Uma disposição geométrica de poltronas azul-escuras em torno de uma mesa de café compõe a sala de estar do apartamento, que também conta, entre outras raridades, com uma poltrona antiga de largos pés esculpidos e estofada com um tecido escuro de William Morris; uma peça minimalista assertiva toda preta, moldada sob pressão; uma estranha fotografia em preto e branco da água do mar; e um relógio de mesa art déco de ouro em forma de coruja. Mas talvez ainda mais forte do que a aura de originalidade imponente da sala é a sensação de ausência, sua evocação de todas as coisas que foram excluídas, foram consideradas insuficientes, não conseguiram captar o interesse de Rosalind Krauss – e que são a maioria das coisas do mundo, as coisas de “bom gosto”, da moda e do consumo, as coisas que vemos em lojas e nas casas dos outros. Ninguém pode sair desse loft sem se sentir um pouco repreendido: a nossa própria casa parece de repente confusa, rudimentar, banal. Da mesma forma, a personalidade de Rosalind Krauss – ela é rápida, aguda, brava, tensa, revigorosamente derrisória, destemidamente desalmada – faz que que nossa “polidez” pareça de alguma forma deprimente e anacrônica. Ela infunde nova vida e significado à velha expressão a respeito de não suportar os tolos de bom grado. (MALCOLM, 2016, p.263-264).

Krauss é uma das entrevistadas da matéria, que relata a trajetória de uma revista de crítica de arte. Outros personagens são apresentados ao longo do texto, cada um deles merecendo uma ampla descrição como a de Rosalind. O parágrafo acima mostra um aprofundamento

na cena e a busca por fazer conexões com a personalidade da moradora daquela casa. Isso se dá pela lista de objetos encontrados.

Vozes humanas ouvidas por Svetlana Alexievich

A jornalista e escritora bielorrussa Svetlana Alexievich ganhou o Prêmio Nobel de Literatura em 2015. Ela realiza um interessante trabalho que combina jornalismo e literatura de maneira documental, registrando acontecimentos marcantes do seu país e do seu tempo histórico. Apesar de ser considerada não ficção, ou por vezes história oral, a sua obra foi reconhecida pela Academia Sueca, mostrando que a linguagem pode sim organizar as vozes de uma maneira diferenciada, fazendo com que histórias verídicas cheguem com impacto ao coração dos leitores, sem apelo sensacionalista comum em coberturas jornalísticas de desastres. Assim, a sua escrita persiste atual e relevante, mesmo três décadas após o fato em questão ter acontecido.

No livro “Vozes de Chernobil”, que será lançado no Brasil pela editora Companhia das Letras em 2016, Svetlana recupera relatos da catástrofe ocorrida em 1986 na Central Elétrica Nuclear de Chernobil, na Ucrânia, bem perto da fronteira com a Bielorrússia. A diferença da sua obra na comparação com outras tantas sobre o mesmo tema está na abordagem e na sensibilidade: por meio da voz de pessoas comuns, sobretudo mulheres, a autora busca decifrar o enigma chamado Chernobil, que permanece como um desafio para o nosso tempo, de acordo com ela.

A humanização encontrada neste trabalho de Svetlana é característica primordial do jornalismo literário. Com dificuldades para escrever sobre a explosão e suas consequências, em virtude da sua proximidade com a cidade e com as pessoas que sofreram os impactos, a escritora apenas conseguiu abordar a questão sob o olhar de quem viveu e sentiu na pele (literalmente) aquela tragédia. Assim, utilizou a história oral como método para coletar as entrevistas que integram a coletânea. Em certo momento, ela faz uma conversa consigo mesma a respeito da “história omitida” de Chernobil. Neste trecho, fica evidente a sua pretensão:

Quanto a mim, eu me dedico ao que chamaria de história omitida, aos rastros imperceptíveis da nossa passagem pela Terra e pelo tempo. Escrevo os relatos dos sentimentos e pensamentos cotidianos, com palavras cotidianas. Tento captar a vida cotidiana da alma. A vida ordinária de pessoas comuns. (2016, p. 39).

Uma das pessoas comuns de quem ela escuta o relato é Liudmila Ignátienko, mulher do

bombeiro Vassíli Ignátienko, um dos que primeiro atendeu ao chamado de incêndio na usina. O trecho foi publicado na edição de março de 2016 da Revista Piauí e é muito intenso. A entrevistada narra o processo de morte do seu esposo após o acidente e mescla memórias a respeito do relacionamento e dos sonhos do casal. Ela estava grávida quando houve a explosão e, em virtude de ter permanecido ao lado de Vassíli no hospital, a sua filha nasceu com cirrose e morreu horas após o parto. No livro, Svetlana inclui a transcrição do relato de Liudmila, sem interferências:

Eu amava meu marido! Eu ainda não sabia como o amava! Tínhamos nos casado havia tão pouco tempo... Ainda não tínhamos tido tempo de nos saciar um com o outro. Andávamos na rua, ele me tomava nos braços e me girava. E me beijava, beijava. As pessoas passavam por nós e sorriam. O processo clínico de uma doença aguda do tipo radioativo dura catorze dias. No 14º dia, o doente morre. (ALEXIEVICH, 2016, p. 36).

E continua:

Muitos vão morrendo. Morrem de repente. Caminhando. Estão andando e caem mortos. Adormecem e não acordam mais. O sujeito está levando flores para a enfermeira e o coração para. Está no ponto de ônibus... Estão morrendo, e ninguém lhes perguntou de verdade sobre o que ocorreu. Sobre o que sofremos, o que vimos. As pessoas não querem ouvir falar da morte. Dos horrores... Mas eu falei do amor... De como eu amei. (ALEXIEVICH, 2016, p. 38).

Muitas vezes, no jornalismo diário praticado ao redor do mundo, os repórteres buscam personagens para ilustrar suas matérias. Procuram uma pessoa que represente o teor do texto que já produziram. Frequentemente, incluem apenas uma fala de três linhas acrescida de uma foto e, pronto, consideram que alcançaram o caráter humano no material. Eis um ponto em que o jornalismo literário se diferencia radicalmente do jornalismo convencional: no JL, a humanização é o fio condutor de todo o processo. E as pessoas que aceitam dar seus relatos devem ser respeitadas profundamente. Suas falas alteram o rumo da pauta, apresentam novas possibilidades. Percebo esse cuidado e a reflexão constante a respeito do “outro” no trabalho de Svetlana. Inclusive, ela escreve sobre isso no próprio livro sobre Chernobil:

Uma das minhas heroínas (grávida naquele momento) nunca deixou de se aproximar do marido e beijá-lo, e não o abandonou até sua morte. Por essa ousadia, ela pagou com sua saúde e com a vida de sua filha. Mas como escolher entre o amor e a morte? Entre o passado e o presente desconhecido?

E quem poderá condenar as mulheres e mães que não ficaram ao lado de seus maridos e filhos? AO lado de elementos radioativos? O amor se modificou. E também a morte. (ALEXIEVICH, 2016, p. 41).

Segundo Vilas Boas, o jornalismo literário precisa gerar empatia, “que é a preocupação com a experiência do outro. É a empatia que facilita o auto-conhecimento” (2003, p. 14). Em outras palavras: os textos são mais atraentes quando provocam reflexões sobre aspectos objetivos e subjetivos comuns à existência de todos nós. Conforme o historiador da cultura Krznic, que considera a empatia um caminho para transformar o mundo, “a empatia é a arte de se colocar no lugar do outro por meio da imaginação, compreendendo seus sentimentos e perspectivas e usando essa compreensão para guiar as próprias ações” (2015, p. 10).

Conforme Lima, “toda boa narrativa do real só se justifica se nela encontramos protagonistas e personagens humanos tratados com o devido cuidado, com a extensão necessária e com a lucidez equilibrada onde nem os endeusamos nem os vilipendiamos” (2009, p. 359). Por isso, conseguimos nos aproximar tanto de celebridades quanto de anônimos quando eles são apresentados através das lentes do JL. Percebemos fraquezas e pontos fortes, luzes e sombras, tal qual vislumbramos nas personalidades de inesquecíveis personagens da literatura.

A humanização é o que a jornalista Eliane Brum defende quando fala que é necessário mostrar que o Zé é Ulisses e o Ulisses é Zé. “Somos todos mais iguais do que gostaríamos. E, ao mesmo tempo, cada um é único, um padrão que não se repete no universo, especialíssimo. Nossa singularidade só pode ser reconhecida no universal” (BRUM, 2006, p. 195). Tal ideia se harmoniza com a afirmação que Svetlana acrescenta em seu livro: “Destino é a vida de um homem, história é a vida de todos nós. Eu quero narrar a história de forma a não perder de vista o destino de nenhum homem” (p. 40).

O mergulho de Eliane Brum

Eliane Brum é uma das jornalistas brasileiras mais premiadas. Não sem motivo. Nascida no Rio Grande do Sul em 1966, ela inspira estudantes e profissionais com textos críticos, profundos e sobre temas polêmicos e pertinentes. Atualmente, ela atua como freelance e escreve colunas para sites de impacto internacional, como o El País. A sua trajetória na reportagem, porém, possui um vasto material de qualidade, com foco na imersão, que é outra característica essencial do jornalismo literário.

Em uma das suas reportagens mais belas, em minha opinião, ela acompanhou uma mulher com câncer, Ailce de Oliveira Souza, do tratamento até a morte, escrevendo o texto intitulado “A mulher que alimentava”. Foram 115 dias de convivência com a fonte e com a família, justamente em um momento de extrema fragilidade. Para mim, é um exemplo ideal de imersão do repórter, isto é, de mergulho na realidade que deseja retratar. “Só depois fui capaz de perceber a dimensão do que ela havia me dado. Ninguém confiara em mim como ela. Eu escreveria sua história, e ela estaria morta”, afirmou Eliane Brum ao comentar o processo de produção da reportagem. Confira um trecho do texto:

É início de abril, e Ailce está feliz porque o apetite voltou. É resultado do tratamento paliativo, que ameniza as náuseas, o conjunto dos sintomas. “Repeti o prato na hora do almoço”, anuncia. Ailce mima suas orquídeas, conversa com suas plantas, suja-se de terra, comparece às festas da família, quer comprar roupas novas, pegar um ônibus para atravessar a cidade. Suspira por atos banais, mas que agora se enchem de raridades: um banho de chuveiro, a água caindo sobre ela sem medo de ferir os buracos por onde passam os drenos; dormir de bruços, que não pode mais. Ailce vive dias ensolarados. Está comendo, está curada.

E eu também preciso comer. Ela não permite que eu deixe a sua casa sem antes repetir o bolo, o pão de queijo, o biscoito. Criada no interior, esse é um ritual que compreendo. Só mais tarde percebo, que para Ailce, oferecer comida é a chave de uma vida. Ela tornou-se merendeira de escola depois de passar num concurso público com nota 9,5. Por 27 anos alimentou crianças pobres. Na segunda-feira pela manhã acolhia-os com uma caneca de leite para que tivessem forças de entrar na sala de aula. Era dela a missão de mantê-las vivas, era ela que operava o milagre de fazer crianças quase desmaiadas correr pelo pátio (BRUM, 2008, p. 398-399).

De acordo com Lima, é por tentar ampliar a compreensão da realidade que o jornalista literário precisa ir a campo e estar diante do que planeja entender. O desenvolvimento das tecnologias trancou muitos repórteres nas empresas, os afastando dos acontecimentos e das pessoas. Mas uma coisa é certa: não há como fazer jornalismo literário a distância. “O autor precisa partir a campo, ver, sentir, cheirar, apalpar, ouvir os ambientes por onde circulam seus personagens. Precisa interagir com eles. Deve vivenciar parte da experiência de vida que eles vivem” (LIMA, 2009, p.373).

A precisão por Daniela Arbex

Quando decidiu que resgataria a história do maior hospício que o país teve, a jornalista Daniela Arbex teve de focar toda a sua atenção para os arquivos, documentos e relatos de pessoas que poderiam colaborar para a sua pesquisa, que, depois de ser publicada em série

de matérias na Tribuna de Minas, resultou no livro reportagem “Holocausto Brasileiro”. Por meio de investigação jornalística, a repórter revela o maior genocídio no Brasil, tendo em vista que ao menos 60 mil pessoas faleceram dentro da instituição chamada Colônia, localizada na cidade mineira Barbacena. Daniela apresenta um texto com precisão e exatidão, que são outras palavras fundamentais para o jornalismo literário (LIMA, 2009). A apuração rigorosa, desejável em todas as incursões jornalísticas, deve ser apresentada de uma maneira diferenciada, que cativa o leitor. Os dados não são a finalidade do trabalho, todavia, devem ser a base que ancora a produção no mundo real e comprova ou não boatos e ideias. Confira no fragmento a seguir o uso dos números:

Em 1930, com a superlotação da unidade, uma história de extermínio começou a ser desenhada. Trinta anos depois, existiam 5 mil pacientes em lugar projetado inicialmente para 200. A substituição de camas por capim foi, então, oficialmente sugerida, pelo chefe do Departamento de Assistência Neuropsiquiátrica de Minas Gerais, José Consenso Filho, como alternativa para o excesso de gente. A intenção era clara: economizar espaço nos pavilhões para caber mais e mais infelizes. O modelo do leito chão deu tão certo, que foi recomendado pelo Poder Público para outros hospitais mineiros em 1959. Somente em 1980, quando os primeiros ventos da reforma psiquiátrica no Brasil começaram a soprar por lá, é que os gemidos do desengano foram sendo substituídos por alguma esperança. Sessenta mil pessoas perderam a vida no Colônia. As cinco décadas mais dramáticas do país fazem parte do período em que a loucura dos chamados normais dizimou, pelo menos, duas gerações de inocentes em 18.250 dias de horror. Restam hoje menos de 200 sobreviventes dessa tragédia silenciosa. Boa parte deles está aqui neste livro. E é pelo olhar das testemunhas, das vítimas e de alguns de seus algozes que a história do Holocausto Brasileiro começa a ser contada.

Em entrevistas disponíveis em sites, Daniela ressalta o seu comprometimento com as informações que publicaria primeiro em série – que lhe proporcionou o Prêmio Esso de Jornalismo em 2012 (o seu terceiro) – e posteriormente em livro-reportagem. Ela procurou mais de 30 pessoas e, por meio de uma investigação minuciosa, conseguiu encontrar e colher relatos de sobreviventes da instituição. Também contava com muitos documentos, como fotografias. O ineditismo do livro, na opinião da repórter, está exatamente no fato de revelar os fatos por meio da voz das pessoas que sentiram todas as atrocidades na pele. E a precisão na divulgação dos relatos foi preponderante para que a obra ganhasse a força que conseguiu, atraindo a atenção para uma temática que ainda segue como tabu na nossa sociedade.

A criatividade de Lillian Ross

Registrar minuciosamente diálogos, expressões, dilemas e inquietações em um set de filmagem de um longa-metragem hollywoodiano nos anos 1950. Depois, compor um texto de 90 mil palavras em que os personagens se desenvolvem como num romance, fazendo questão de empregar recursos típicos da ficção, mas se atendo somente aos fatos que de fato viu e às conversas que ouviu. Este foi o desafio de Lillian Ross, que entrou para a lista como a melhor reportagem escrita a respeito do assunto.

Por ser mulher, seu nome não é tão conhecido nas escolas de jornalismo brasileiras. Todavia, pesquisadores afirmam que foi Lillian quem inspirou Truman Capote a elaborar “A Sangue Frio” como um romance de não ficção. Talvez o primeiro exemplo deste “gênero” seja, então, o seu livro “Filme”, que usa a forma de ficção em sua estrutura, mas com temática verídica. Em entrevistas, ela afirma que Capote se apropriou de falas dela quando fez o marketing do seu trabalho na televisão, anos depois da repercussão de “Filme”. Como jornalista da revista *The New Yorker*, Lillian acompanhou todas as etapas da produção do filme que adaptou o romance “O emblema rubro da coragem”, de Stephen Crane. Ross foi até Hollywood e ficou atenta a todos os detalhes do trabalho do diretor John Huston para tentar desvendar como de fato funcionava a indústria cinematográfica norte-americana. O processo contemplou desde a elaboração do roteiro até o lançamento do longa metragem em Nova York (no Brasil o filme foi traduzido como “A glória de um covarde”).

Criatividade é outra característica preponderante do jornalismo literário. É inegável que Lillian se lambuzou dela quando inaugurou um estilo de escrita na mídia dos EUA. Mas, como uma escritora da realidade poderia criar novidade? Segundo Lima: “Não é como um ficcionista que tem liberdade artística legitimada para criar mundos não-existentes (...). Não pode nem deve, a rigor, forjar situações, desenhar cenários, fazer nascer personagens. Seu compromisso é com o real (LIMA, 2009, p. 384). Dessa maneira, a criatividade pode ser exercida com o emprego constante da imaginação e da associação de conteúdos, fazendo relações que ninguém ainda havia feito, por exemplo.

Lillian sabe muito bem a respeito disso. Ela começou a sua carreira de jornalista em 1945, quando os editores passaram a contratar mulheres, tendo em vista que os repórteres homens eram enviados para as coberturas de guerra. A recomendação era para que a jovem escrevesse sempre na primeira pessoa do plural e sem assinatura, a fim de que o seu gênero não ficasse evidente. Não demorou muito para que ela se destacasse e conquistasse seu espaço. “Eles podem não entender inteiramente que sou uma escritora, mas sabem que não

sou eles. Sempre estou presente em tudo o que escrevo. É subentendido”, disse em entrevista recente quando visitou o Brasil para participar da Feira Literária Internacional de Paraty. Lillian, que acredita que escrita boa, fresca e original sempre sobreviverá, considera que Filme foi muito interessante de escrever porque ela estava inventando algo: usar pessoas reais como personagens em uma situação coletiva. A forma ficcional” (BILENKY, 2016).

Conforme o autor da apresentação da edição da Companhia das Letras do livro “Filme”, Matinas Suzuky Jr., para Ross, as opções pessoais do escritor transparecem na escolha dos assuntos e das pessoas que são entrevistadas, e também no modelo de composição. “Além da clareza e da descrição do texto, o jornalismo de Lillian Ross também ficaria marcado pelo seu flerte permanente como humor e pela fidedignidade com a qual reproduz diálogos inteiros” (SUZUKY, apud ROSS, 2005, p. 12). Segundo Suzuky Jr., embora haja dúvidas sobre a afirmação de que Ross inaugurou o estilo, certamente ela colaborou para a disseminação de uma ideia de jornalismo que pudesse alcançar um voo mais alto daquela liberdade criativa que, até então, era de domínio da literatura. Acompanhe a construção de cena, como se o relato fosse também parte de um filme:

Huston sentou-se no braço de uma cadeira, fixou uma longa cigarrilha num dos cantos da boca, pegou um palito de fósforo no bolso da calça e o riscou na unha do polegar. Acendeu a cigarrilha e deu uma tragada profunda, semicerrando os olhos contra a fumaça, o que os deixava ainda mais oblíquos. Então descansou os cotovelos nos joelhos, segurando a cigarrilha na boca com dois longos dedos de uma das mãos, e olhou pela janela. O sol se pusera, e a luz que entrava na suíte, num andar alto, começava a esmaecer. Huston tinha a aparência de quem estivesse esperando – como uma cena montada de Huston – que as câmeras rodassem. Mas, como aos poucos me dei conta, a vida não imitava a arte, Huston não imitava a si mesmo quando montou aquela cena; ao contrário, o estilo dos filmes de Huston, um dos poucos diretores de Hollywood que conseguem deixar sua marca pessoal nas fitas que fazem, era o estilo do homem. Na aparência, nos gestos, no modo de falar, na seleção das pessoas e objetos que o rodeavam e no modo como os compunha, em “tomadas” individuais (o close abrupto no polegar raspando a cabeça de um fósforo), e depois as arranjava numa sequência dramática, ele era a própria matéria-prima de sua arte; ou seja, o homem cuja personalidade deixava sua marca inconfundível no que veio a ser conhecido como um filme de John Huston (ROSS, 2005, p. 35-36).

Tentando definir o diretor como um personagem de seu próprio filme, Ross utiliza imaginação e constrói uma cena. Também percebemos que ela toma partido e demonstra

empatia por Huston – emitindo uma opinião a respeito das suas produções. No jornalismo literário, a maneira particular do autor contar uma história é sempre esperada. De acordo com Lima (2014), o repórter torna-se escritor, mas, antes disso, é ser humano. “Como tal, tem sentimentos, comove-se com as coisas que vê, tem reações como todo mundo. Não fica ‘em cima do muro’, como se pudesse manter uma postura neutra, impassível e intocável ‘vendo a banda passar’” (LIMA, 2014, p. 23).

Como afirmamos no início do texto, a nossa proposta é divulgar e valorizar as produções de não-ficção feitas por mulheres jornalistas, tanto brasileiras quanto estrangeiras. Quiçá assim essas autoras possam ser mais lidas nas universidades e citadas por pesquisadores e também admiradas por profissionais. Vale reforçar que não se trata de uma defesa básica de gênero, mas de uma tentativa de estimular a audiência para outros olhares, que muitas vezes passam despercebidos, em virtude da repetição dos mesmos nomes através do tempo. Sendo assim, concordamos com Lima quando ele diz que:

O jornalista literário flagra o cotidiano, o ordinário que se esconde por trás do extraordinário. Surpreende o leitor com situações prosaicas, mostra a vida como ela é, em sua totalidade complexa, cheia de coisas grandes e pequenas, especiais ou comuns. Tudo visto sob um novo olhar, aquele que as pessoas perderam ou que muita gente não quer exercer. Pior: aquele que muita gente, por interesses escusos, quer esconder dos outros (LIMA, 2014, p. 30).

Percebemos aqui que as jornalistas citadas no decorrer do trabalho colocam as pessoas em primeiro lugar, abordando os assuntos que se propõem a narrar de uma maneira exclusiva e sinestésica. Por consequência, elas nos ajudam a abrir os olhos e também temos a oportunidade de vislumbrar um pouco além do que se apresenta na superficialidade. Assim como essas profissionais, que possamos “enxergar não apenas com os olhos que habitam as cavidades oculares do rosto” (LIMA, 2014, p. 20). Afinal, é pelos detalhes quase imperceptíveis que conseguimos significar o mundo.

Referências

ALEXIEVICH, Svetlana. **Vozes de Chernobil**. Tradução de Sonia Branco. Revista Piauí. Edição 114. Março de 2016. Ano 10. Pg 32-41.

ARBEX, Daniela. **Holocausto brasileiro: Vida, genocídio e 60 mil mortes no maior hospício do Brasil**. São Paulo: Geração Editorial, 2013.

BILENKY, Thais. **Para criadora do jornalismo literário, internet é tediosa**. Entrevista com Lillian Ross. Site da Folha de São Paulo. 28 de fevereiro de 2016. Acesso em 06 de abril de 2016. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/poder/2016/02/1743880-para-veterana-da-revista-new-yorker-internet-e-tediosa.shtml?cmpid=comptw>.

BRUM, Eliane. **O olho da rua: uma repórter em busca da literatura da vida real**. São Paulo: Globo, 2008.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Jornalismo Literário para Iniciantes**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas Ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. 4ª edição. Barueri, SP: Manole, 2009.

MALCOLM, Janet. **41 inícios falsos: ensaios sobre artistas e escritores**. Tradução de Pedro Maia Soares. 1ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

PENA, Felipe. **Jornalismo Literário**. São Paulo: Contexto, 2006.

ROSS, Lillian. **Filme: Um retrato de Hollywood**. Tradução de Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SIMS, Norman. The Art Of Literacy Journalism. In: SIMS, Norman; KRAMER, Mark. **Literary Journalism: A New Collection Of The Best American Nonfiction**. EUA: Ballantine, 1995.

VILAS BOAS, Sergio. **Jornalismo Literário: um percurso filosófico**. São Paulo: ABJL/Texto Vivo Edições, 2008.

ZAGAJEWSKI, Adam. **Em defesa dos adjetivos**. Revista Piauí. Edição 52. Janeiro de 2011. Disponível em: <http://revistapiaui.estadao.com.br/materia/em-defesa-dos-adjetivos>. Acesso em 04/04/2016.